

O TEMPO NO DISCURSO DE ALGUÉM QUE ENVELHECE – UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DA ENUNCIÇÃO

Patrícia da Silva Valério¹

patriciav@upf.br

RESUMO: Este artigo é parte dos resultados de uma pesquisa que convoca os estudos linguístico-enunciativos (BENVENISTE, 1989; 1995), para produzir saberes sobre a especificidade do tempo na enunciação de adultos com mais de 60 anos. Para tanto, busca analisar de que modo a pessoa que fala se torna sujeito no discurso; entender como a instauração do outro (tu imediato) / Outro (cultura) contribui para o processo de subjetivação; examinar como a experiência do tempo se materializa na discursivização da ação do homem na linguagem. Apresenta análise de um fato enunciativo que marca a experiência na linguagem de um casal com mais de 60 anos. Espera-se contribuir para que os resultados alcançados possam abrir espaço para a expansão da linguística, especialmente dos estudos enunciativos, e para a ampliação da compreensão da dimensão subjetiva constitutiva da atividade linguística implicada nas interações sociais que envolvem o sujeito.

Palavras-chave: sujeito; tempo; enunciação.

INTRODUÇÃO

A reflexão apresentada aqui integra uma parte da escrita da minha tese de doutorado², cujo projeto foi construído sob orientação da Profa. Dra. Marlene Terezinha Lopes Teixeira. Infelizmente, o destino não permitiu que a professora Marlene conhecesse o resultado final deste trabalho, mas há muito dela em cada linha escrita e em cada modo de pensar sobre as relações entre sujeito e linguagem, esse tema que tanto a inspirava e que contagiou quem teve

¹ Professora da Universidade de Passo Fundo/UPF.

² *Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação* (2015). O projeto e parte considerável da reflexão que integra a tese foram discutidos com a professora Marlene Teixeira, que orientou e pesquisa de janeiro de 2012 a março de 2015, quando nos deixou. A partir de abril de 2015 a orientação da tese ficou sob responsabilidade da professora Maria da Graça Krieger (UNISINOS) e coorientação da professora Luiza Milano (UFGRS).

o privilégio de ser seu aluno ou de conviver com ela. Assim, dedico esse texto à memória dessa mestra, que tanto me ensinou sobre *essa língua que sai da boca*, e que antevia, no projeto de Benveniste, “a expressão da necessidade de reunir os conhecimentos sobre o homem.” (TEIXEIRA, 2012: 80).

O interesse em investigar o papel do tempo no discurso de adultos com mais de 60 anos surgiu de nosso lugar do outro (tu) em diálogos com pessoas mais velhas. Observávamos, na fala de diferentes sujeitos com mais de 60 anos com quem conversávamos, a presença de relatos de fatos situados no passado; por vezes até mesmo repetindo, recontando histórias já narradas em outro tempo-lugar. Associando essa experiência discursiva a outra – a da leitura da teoria de Émile Benveniste – percebemos uma possibilidade investigativa. Elegemos, então, nossa pergunta de pesquisa: de que forma o passado se apresenta na fala do presente?

Estudos de caráter linguístico que envolvem a linguagem do idoso³ não representam uma proposta absolutamente nova. Há pelo menos uma pesquisa no Brasil a respeito do tema, que deve ser referida, por se tratar do primeiro estudo sistemático e abrangente sobre a fala dos idosos⁴. O estudo de Preti (1991) sobre a interação verbal entre idosos apresenta consistente análise de dados, sob construção de categorias sociais, linguísticas e conversacionais, para analisar o comportamento verbal dos indivíduos na interação linguística. O trabalho de Preti (1991), entretanto, insere-se teórica e metodologicamente em linha distinta da que estudamos⁵. O caminho que percorremos é o da linguística da enunciação, portanto interessamo-nos pela singularidade do discurso de alguém que recorre ao tempo (passado/ memória) a fim de encontrar um lugar no aqui-agora da enunciação.

O pensamento comum costuma associar o discurso das pessoas mais velhas à presença constante do passado em detrimento do presente ou do futuro, portanto com sentido apenas para o falante/locutor, desinteressante para o ouvinte/interlocutor. Estudiosos da neurofisiologia, da psiquiatria ou da psicologia poderão argumentar, justificando a decisão de quem prefere falar do passado. E o linguista da enunciação, o que terá a dizer sobre o discurso de adultos com mais de 60 anos que resgatam o tempo pelo discurso e não *na e pela* idade?

³ É importante esclarecer que a oscilação na forma de nomear os participantes desta pesquisa (velho, idoso e pessoas com mais de 60 anos) não representa qualquer intenção de categorização etária ou moral.

⁴ Conforme Marcuschi na apresentação da obra *A linguagem dos idosos*, de Dino Preti (1991).

⁵ A pesquisa *A linguagem dos idosos* situa-se entre os estudos da sociolinguística interacional e da análise da conversação, o que faz com que as análises se voltem tanto para questões linguísticas quanto para os problemas advindos das relações interpessoais, como preservação da face e organização da autoimagem social.

Eis a proposta deste artigo: refletir sobre a especificidade do tempo no discurso de alguém que envelhece.

Para cumprir esse propósito, percorremos o seguinte caminho: iniciamos com a apresentação de uma noção de sujeito da enunciação em Benveniste; a seguir, revisitamos o conceito de tempo em Benveniste, aprofundando a noção de tempo linguístico; ao final, escolhemos um excerto de um diálogo – um fato linguístico do qual participam dois adultos com mais de 60 anos, a fim de analisar como se dá a instauração do sujeito e qual o papel do tempo nesse discurso.

1. A NOÇÃO DE SUJEITO EM BENVENISTE

Como estivemos em busca de respostas para o papel do tempo no discurso de adultos com mais de 60 anos, precisávamos compreender, primeiramente, *como* essas pessoas se tornam sujeitos (ou assumem uma posição de sujeito). Assim, antes de analisar o papel do tempo no discurso fomos em busca de uma noção de sujeito da enunciação, conceito importante para esta investigação.

Para tanto, revisitamos alguns textos⁶ de Benveniste, publicados nos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral* e, paralelamente a esse estudo, guiamo-nos pela leitura de Flores (2013: 23-24), para quem “a teoria enunciativa de Benveniste é bem mais compreendida se lida como uma complexa rede de termos, definições e noções interligados através de relações hierárquicas, paralelas, transversais, entre outras”. Essa constatação nos mostra que para ler e, principalmente, compreender Benveniste não se pode tomar a leitura de um elemento isoladamente.

Assim, devemos dizer que a noção de sujeito que derivamos da obra do linguista sírio guiados pela leitura de Flores (2013), contou com o resgate de definições de termos como os de *homem, locutor, sujeito, linguagem, língua, línguas, subjetividade, intersubjetividade, categoria de pessoa*. O fato de os conceitos de tais termos não serem explícitos na obra benvenistiana ou de se apresentarem com sentidos diferentes até em um mesmo texto, torna difícil o aprofundamento da significação dos conceitos em artigo de breve extensão como

⁶ A saber: *Estrutura de relações da pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958), *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963), *A linguagem e a experiência humana* (1965), *A forma e o sentido na linguagem* (1966), *Estruturalismo e linguística* (1968), *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), *O aparelho formal da enunciação* (1970). Não apresentamos aqui o estudo detalhado, uma vez que resultaria numa leitura longa, que se estenderia para além da proposta deste artigo.

este. Mesmo assim, propomo-nos a refletir na busca da aproximação de um conceito de sujeito da enunciação, assumindo os riscos da parcialidade do raciocínio, porém acreditando que o percurso construído permita compreender a reflexão que empreendemos.

É necessário, em primeiro lugar, esclarecer, como adverte Normand (2009) e Flores (2013a), que a expressão *sujeito da enunciação* não consta nos textos de Benveniste. Conforme Normand (2009), o uso dessa expressão é muito mais uma derivação da leitura do conjunto dos textos do autor do que uma realidade teórica.

A expressão *sujeito*, no entanto, está presente em vários textos do mestre sírio e assume diferentes sentidos. Analisando parte das ocorrências do termo *sujeito* no conjunto da obra benvenistiana, Flores (2013a) identifica pelo menos três sentidos diferentes. Há um primeiro uso do termo em sentido mais restrito – o que o pesquisador qualifica como sentidos não-teóricos; é o caso das definições que aproximam *sujeito* do indivíduo que fala, ocorrências observáveis em textos de diferentes momentos da produção teórica do linguista, como em *Estrutura de relações de pessoa no verbo* (1946) e em *O aparelho formal da enunciação* (1970). Um segundo uso é decorrente de alternância (ou coocorrência) com outros termos, como *pessoa*, *sujeito falante*, *locutor* e *sujeito*. Flores (2013a: 112) chama atenção para a particularidade dessa coocorrência de termos para a leitura que faz de Benveniste, pois, dessa leitura, “é possível depreender uma ideia de ‘passagem’ de uma instância a outra”. Um terceiro uso é depreendido de modo mais claro a partir do texto *Da subjetividade na linguagem*, de Benveniste, (1995/1958: 286), no qual parece ser construída a ideia de que o sujeito não é nem o locutor, nem o homem, pois, “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.” Esse terceiro uso é determinante para a construção da noção de sujeito da enunciação.

Se o *sujeito* não é nem o homem, nem o locutor, Flores (2013a:112) irá apostar em uma noção de *efeito de apropriação* que transformará o homem/o locutor em *sujeito*. A ideia da apropriação, isto é, da conversão individual da língua em discurso é defendida por Flores (2013a: 112) como um “tornar próprio de si”. Seria um sujeito que advém da enunciação.

Acreditamos que essa noção de sujeito que se constitui através da enunciação é bastante importante para compreender as condições enunciativas associadas ao processo de instanciação do sujeito no discurso dos adultos a partir de 60 anos que analisamos. Se o sujeito não existe antes da enunciação, mas se institui através dela, é necessário então olhar para as possibilidades da instanciação singular do sujeito que enuncia.

Entender que o sujeito se constitui *na e pela* enunciação de seu discurso é fundamental para esclarecer a ideia de que não existe um sujeito antes da enunciação, ou exteriormente a ela, pois de uma enunciação à outra o sujeito constitui-se *de novo (à neuf)*. Para Dessons (2006: 138), “é este mesmo o princípio da noção de reinvenção já mencionado. A historicidade da linguagem faz com que a repetição não possa ser reproduzida de forma idêntica⁷”.

Se aceitamos esse princípio, é porque nos contrapomos à ideia da existência de um sujeito (seja ele jovem, adulto, velho/ idoso) preexistente à enunciação. Estivemos em busca da especificidade da categoria *tempo* no discurso de adultos com mais de 60 anos, que se tornam sujeitos *na e pela* linguagem e que resgatam o tempo pelo discurso e não *na e pela* idade. Assim, para nós, toda vez que alguém enuncia uma experiência nova se realiza na linguagem. E essa experiência nova se realiza porque, como ensinou Benveniste (1995/1958: 285),

não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.

O princípio básico da teoria de Benveniste, de acordo com Flores (2013a: 100), é este: “o homem é de natureza intersubjetiva porque é constituído pela linguagem”. Isso faz com que esteja implicada uma relação naturalmente dialógica no ato mesmo de apropriação da língua, noção que pode ser depreendida da seguinte afirmação de Benveniste (1989/1970: 84) a respeito do locutor: “desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro.” Se o fato de um *tu* (outro) assumir o lugar do *eu* contribui para ou prejudica a instanciação do sujeito no discurso é um aspecto que nos comprometemos a analisar ao final deste artigo.

Embora o tema da *intersubjetividade* seja recorrente em Benveniste, o emprego explícito do termo não o é. Conforme atesta Flores (2013a:105), “o uso da palavra *intersubjetividade* é menos comum se comparado a subjetividade e a pessoa”. O pesquisador destaca dois excertos de textos (publicados em um intervalo de quase dez anos) em que Benveniste explicita a palavra intersubjetividade – o primeiro veiculado no texto *Da subjetividade na linguagem*; o segundo, em *A linguagem e a experiência humana*:

⁷ “C’est le principe même de la notion de réinvention déjà évoqué. L’historicité du langage fait que la répétition ne peut y produire de l’identique” (no original).

Muitas noções na linguística, e talvez mesmo na psicologia, aparecerão sob uma luz diferente se a restabelecermos no quadro do discurso, que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição da intersubjetividade, única que torna possível a comunicação linguística. (BENVENISTE, 1995/1956: 293).

O tempo do discurso nem se reduz às divisões do tempo ou crônico nem se fecha em uma subjetividade solipsista. Ele funciona como um fator de intersubjetividade, o que de unipessoal ele deveria ter se torna onipessoal. A condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação linguística. (BENVENISTE, 1989/1965: 78).

Flores (2013a) depreende, a partir dessas duas ocorrências, a concepção de intersubjetividade como “condição de”, ideia, para ele, diretamente imbricada com a noção de *indissociabilidade* entre homem e linguagem – o a priori radical presente no texto *Da subjetividade na linguagem* (1956). Conforme Flores (2013a: 105), “ ‘A linguagem é a condição do homem’ – já que ela *ensina a definição mesma de homem* que nela está sob ‘condição da intersubjetividade’.”

A concepção de linguagem como *uma experiência humana na linguagem* é confirmada em outra passagem do texto *A linguagem e a experiência humana* (1965: 80), em que se pode inferir o acréscimo ao sintagma “experiência humana” do adjetivo “intersubjetiva”:

a intersubjetividade tem assim sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem.

Essa natureza essencialmente dialógica presente no discurso faz com que a enunciação seja considerada por Capt (2013), como fundamentalmente dialética. Ela funciona “a dois”, explica Capt (2013: 83), pois envolve “o que chamamos aqui, figurativamente, de um sopro, próximo do sentido do *pneuma* grego, ou seja, uma função vital de uma manifestação espiritual. Sua impulsão envolve necessariamente um eco”⁸.

É que se a enunciação ensina sobre o homem, como assevera Benveniste, é porque os seres humanos não são somente os objetos de conhecimento uns para os outros, mas também de sujeitos que, de acordo com Watzlawick apud Capt (2013: 91), “se confirmam uns aos outros”⁹. Por isso, Capt (2013: 91) argumenta que “na enunciação, um sujeito entra sempre

⁸ “Elle est porteuse de ce que nous appelons ici, de façon imagée, un souffle, proche du sens du *pneuma* grec, à savoir autant une fonction vitale qu’une manifestation spirituelle. Son impulsion engage nécessairement un écho” (*no original*).

⁹ “se confirment les uns les autres” (*no original*).

em relação com um outro sujeito” e, ainda, “cada sujeito reconhece o outro como tal, e inversamente¹⁰”.

Interessamo-nos, de modo especial, por essa relação de intersubjetividade presente na enunciação, por isso buscamos analisar, no diálogo que constitui o fato linguístico transcrito ao final deste artigo, de que modo a intersubjetividade o constitui. Veremos, ainda, de que modo a relação de intersubjetividade se constitui duplamente – na relação com outro (tu imediato) e na relação com o outro (os outros discursos que circulam socialmente), já que é a condição de intersubjetividade que nos distingue dos animais, conforme aponta Teixeira (2012: 77): “Se os animais não entram na língua por estarem sempre nela, o homem não é desde sempre falante. Para falar, ele precisa constituir-se como sujeito da linguagem, deve dizer *eu*”.

Nosso interesse na construção da noção de sujeito em Benveniste teve o propósito de nos fazer entender de que modo a pessoa que fala se torna sujeito no discurso. Por isso, fomos em busca dos estudos de Benveniste, e de leitores prestigiados de sua obra, e descobrimos que o sujeito da enunciação não é nem *o homem*, nem *o locutor*, mas alguém que só existe *na* e *pela* enunciação, ou seja, é alguém que *advém da enunciação*.

Cumprida essa tarefa, passamos a refletir sobre o papel do tempo no discurso, já que acreditamos que essa categoria é determinante para a vivência de uma experiência humana da linguagem. Desse modo, na sequência, passamos a discutir a especificidade dessa categoria a fim de levantar subsídios para poder analisar, no fato linguístico selecionado, como a experiência do tempo se materializa na discursivização da ação do homem na linguagem.

2. O TEMPO – ESSA CATEGORIA EFÊMERA

Que lugar o discurso habita senão no tempo?

Mas de que tempo falamos? Sabemos que toda vez que alguém se apropria do aparelho linguístico de fala e enuncia o faz *aqui e agora* – há um tempo linguístico, o tempo do acontecimento que não volta jamais. Mas esse alguém que fala (aqui e agora) pode falar sobre o tempo, sobre um tempo que passou, que passa ou que passará. Benveniste resolve, em

¹⁰ “dans l’énonciation, un sujet entre toujours en relation avec un autre sujet”; “chaque sujet reconnaît l’autre comme tel, et inversement” (*no original*).

parte, essa questão no texto *As relações de tempo no verbo francês* (1959), ao propor dois tempos (ou planos): o da história e do discurso¹¹.

Em *A linguagem e a experiência humana* (1989/1965), fica clara a necessidade de, pelo menos, duas categorias para a configuração da linguagem em discurso: a de pessoa e a de tempo. O discurso somente se instaura no momento em que o sujeito que fala emprega o pronome *eu* para referir a si próprio em sua fala e o faz sempre em oposição a *tu* e a *ele*. Essa instauração do sujeito na linguagem, através da categoria de pessoa, é a condição mesma do discurso. É única a instância da enunciação, explica Benveniste (1989/1965: 68), pois

este ato de discurso que enuncia *eu* aparecerá, cada vez que ele é reproduzido, como o mesmo ato para aquele que o entende, mas para aquele que o enuncia, é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes, porque ele realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias de discursos.

O fato de *eu* designar a cada vez uma pessoa – aquela que se apropria desse *eu* via linguagem – concretiza a realização de uma experiência humana, a qual se instaura a cada vez que alguém enuncia e revela o instrumento linguístico que a funda. Essa atualização da experiência na linguagem é algo essencial que jamais poderá faltar a uma língua, é a possibilidade mesma do discurso.

Uma *dialética singular é a mola desta subjetividade*, afirma Benveniste, e explica: é que os pronomes pessoais se configuram, fora do discurso, em formas vazias, que somente são preenchidas a partir do instante em que alguém deles se apropria pelo ato de linguagem. Essa é igualmente a condição dos dêiticos; os demonstrativos, por exemplo, organizam o espaço, procedendo de um ponto central (*eu*) na linguagem, a partir de categorias variadas: localizamos determinado objeto com base em informações que giram em torno de quem fala – ou com quem se fala – *eu, tu* (ou *ele*); dizemos que *x* está perto ou longe de quem fala, em frente ou atrás, visível ou invisível, etc.

É este fenômeno que nos propusemos a observar: a realização de uma experiência humana que se instaura cada vez que alguém enuncia – essa atualização da experiência de linguagem que se dá no tempo. O senso comum e nossa experiência de viver em sociedade revela que as pessoas, sobretudo as mais velhas, têm o hábito de falar sobre o passado, muitas

¹¹ Em razão do propósito deste artigo, não aprofundaremos a discussão sobre o texto *As relações de tempo no verbo francês* (1959). Cabe destacar que a descrição desses dois planos, tal como apresentada por Benveniste, é muito mais uma questão de observação de aspectos formais que dizem respeito à presença ou ausência do aoristo do que à diferenciação entre enunciação e enunciado. Importa que reter a informação de que o presente é o tempo, por excelência, do discurso.

vezes repetindo histórias, fatos já contados, narrados. Perguntamo-nos, então: se a atualização da experiência humana se renova na linguagem, de que modo o tempo constitui o discurso, ou melhor dizendo, qual é o papel do passado no presente? Assumimos o desafio de buscar resposta a essa indagação.

De acordo com Benveniste (1989/1965), entre as formas que revelam a experiência subjetiva da linguagem, as que exprimem *tempo* são as mais ricas e, por isso, mais complexas. O linguista argumenta a respeito dessa complexidade, referindo a condição especial dessa categoria na língua em oposição às armadilhas do psicologismo e defendendo a condição especial do tempo na língua, já que é ele que instancia o presente do discurso. “Há um tempo específico da língua”, afirma Benveniste (1989/1965: 71), mas para compreender melhor essa condição, convém diferenciar duas noções distintas de tempo: tempo físico e tempo crônico.

Benveniste (1989/1965: 71) não se alonga a respeito do tempo físico, pois entende que essa noção é bastante conhecida de todos. O tempo físico, destaca, diz respeito a um “contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade” e sua duração é variável a cada indivíduo, de acordo com o grau de emoções e o ritmo de sua vida interior; trata-se de um tempo psíquico.

O tempo crônico, por sua vez, é o tempo da evanescência, do *acontecimento*, que não volta jamais, por exemplo: não podemos voltar à infância ou à juventude, nem ao dia de ontem, nem mesmo ao minuto que acaba de passar, afirma Benveniste (1989/1965: 71), “nosso tempo vivido corre sem fim e sem retorno, é esta a experiência comum”. Ao mesmo tempo, nossa vida é uma sequência de acontecimentos, marcada por pontos de referência aos quais ligamos nosso passado imediato ou longínquo. Nós podemos observar nossa vida e lançar o olhar sobre os acontecimentos realizados, percorrendo o tempo decorrido sob duas formas ou direções: do passado ao presente ou do presente ao passado. Assim, há uma aparente contradição que reside em uma propriedade essencial do tempo crônico: ao mesmo tempo em que a vida corre, há os acontecimentos demarcados na história. Benveniste (1989/1965: 71) alerta a respeito da importância da noção de acontecimento, pois este está centrado no presente sob o qual se assentará a noção de tempo:

No tempo crônico, o que denominamos ‘tempo’ é a continuidade em que se dispõem em série estes blocos distintos que são os acontecimentos. Porque os acontecimentos não são o tempo, eles estão no tempo. Tudo está no tempo, exceto o próprio tempo.

Todas as sociedades humanas buscam objetivar o tempo crônico de diversas formas: separando o dia e a noite, observando o movimento das marés, as fases da lua, as estações do ano, os movimentos do sol, etc.

Nessa busca da objetivação do tempo crônico, as sociedades humanas buscaram definir três características que fundamentam esse tempo e a própria vida das sociedades: a estativa, a diretiva e a mensurativa. Cada uma delas com configurações diferentes. A estativa pode ser examinada sob o aspecto dos calendários. Os calendários com traços comuns partem de um momento zero, de onde parte o cômputo, por exemplo, nascimento de Cristo ou de Buda, ascensão de certo soberano, etc. Dessa primeira condição decorre a segunda, a diretiva, que é enunciada pelos elementos linguísticos *antes* e *depois* os quais se referem ao ponto de referência inicial. À terceira condição, a mensurativa, cabe a atribuição de medir os intervalos entre as ocorrências dos fenômenos cósmicos. Por exemplo: o intervalo entre dois pontos diferentes do horizonte será o dia, o intervalo entre duas conjunções da lua e o sol será o mês, o intervalo de uma volta completa do sol e das estações será o ano e assim consecutivamente podem ser acrescentados outros agrupamentos (semana, século) ou subdivisões (hora, minuto).

Há um terceiro nível do tempo – o tempo linguístico – ao qual é necessário estabelecer a distinção, pois, explica Benveniste (1989/1965: 74), “uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico, outra coisa é inseri-lo no tempo da língua”. O tempo linguístico está ligado ao exercício da fala, organiza-se e define-se como função do discurso e tem seu centro no presente da instância de fala: “cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do ‘presente’ (ou uma forma equivalente), ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona” (BENVENISTE, 1989/1965: 74).

Queremos discutir melhor essa propriedade original da linguagem, anunciada por Benveniste: o fato de este presente ser reinventado a cada vez que um homem fala porque esse momento é novo, já que ainda não foi vivido.

Vejamos o que diz Benveniste (1989/1965: 75) sobre esse tempo específico do discurso:

O presente linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente que se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente, constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção.

Essa reflexão sobre o presente linguístico faz com que percebamos o caráter *sui generis* atribuído pelo linguista a esse tempo do discurso que nos faz pensar sobre o tempo e sobre a vida. Afinal, como é possível falar do tempo, seja ele passado, passado mais distante de todos (original) ou mesmo do presente senão pela linguagem?

Benveniste parece ter solucionado o problema, ao qualificar o presente como categoria linguística por excelência do discurso, atribuindo-lhe *status* diferenciado. Foi com Benveniste também que aprendemos que a língua tem por necessidade ordenar o tempo a partir de um eixo e esse eixo é sempre a instância do discurso. O presente manifesta-se, ao nível do discurso, até mesmo de modo implícito, pois *o único tempo inerente à língua é o presente do discurso* (1989/1965: 76). Além disso, o tempo instaura uma experiência fundamental da qual todas as línguas dão testemunho, cada qual à sua maneira: é a possibilidade de determinar, através do presente do discurso, duas possibilidades de referências temporais: a de indicar o que não é mais presente e o que ainda está por se tornar.

Diante desse fenômeno fugidio que é a enunciação, como consideramos o aspecto da temporalidade ali inserida?

O tempo linguístico emerge na instância discursiva, assim, toda vez que o pronome *eu* aparece em um enunciado uma experiência humana se instaura e revela o instrumento linguístico que a funda.

Além disso, é importante considerar que, ainda que a categoria *tempo* goze de importante estatuto na enunciação, ela não é a principal, nem atua, sozinha, para que a língua – sistema de signos – se transforme em discurso. A enunciação promove, literalmente, alguns signos à existência. Benveniste (1989/1970: 86) ensina que “é preciso saber distinguir as entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de ‘indivíduos que a enunciação cria e em relação ao ‘aqui-agora’ do locutor”. É a enunciação que cria o ‘aqui-agora’ da enunciação. Assim, a *temporalidade é produzida na e pela enunciação*, pois o tempo, explica Benveniste (1989/1970: 85):

é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo.

Desse modo, buscamos a inscrição do sujeito na linguagem, a qual pode se manifestar duplamente:

- a) no ato mesmo de apropriação da linguagem, aqui e agora, que instauram o sujeito no tempo do discurso e marcam sua posição de sujeito no mundo;
- b) no resgate do tempo via memória, através de narrativas de situações ocorridas no passado, na busca de elementos que façam sentido no presente e que permitam que as pessoas se inscrevam no presente.

Dirigimos nosso olhar para o discurso dos participantes de nossa pesquisa, inspirados por essas leituras. Perguntamo-nos se essas pessoas, quando enunciam, compartilham o mesmo espaço (aqui-agora) com seus interlocutores. De que modo o passado atua no presente dos participantes desta pesquisa? Que condições o acesso ao passado, via linguagem, lhes garante? Eis o que nos propomos a discutir a seguir.

3. O TEMPO COMO POSSIBILIDADE DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA LINGUÍSTICA DO SUJEITO

Dentre as mais de doze horas de gravação que integram o corpus de nossa pesquisa, selecionamos, para discutir nesta breve reflexão, um fato linguístico – o excerto de um encontro do qual participaram quatro pessoas¹², duas delas com mais de 60 anos. Os nomes dos participantes foram trocados a fim de preservar suas identidades e, no recorte do fato linguístico em análise a seguir, constam apenas as três letras iniciais dos nomes de cada um. A conversa se dá em um final de tarde, na residência do casal de idosos, que está na companhia da filha e do genro. O genro elogia a erva (diz que é boa) e o chimarrão que havia sido preparado pelo sogro. Nesse momento, Bernardo começa a contar sobre o trabalho que realizava na infância, na companhia dos irmãos mais velhos: desganhava as árvores de erva para ajudar no sustento da família.

Procuramos, analisando o fato linguístico a seguir, circunscrever a relação implicada entre *sujeito* e *tempo*, descrevendo, em 3.1, o processo de instanciação do sujeito e, em 3.2, a ação do tempo no discurso.

¹² Antônia e Pedro (filha e genro, respectivamente), Bernardo e Alice (casal com mais de 60 anos).

1 BER: estava contando que nos anos 53, 54...ali... naquele tempo ali a gente tinha que... se virar
2 pra comer...pra família lá...a mãe...a gente... meu pai tinha bastante coisa, mas o M. (refere-se
3 ao irmão mais velho) foi botando fora tudo as coisas do meu pai...e aí pra gente sobreviver
4 tinha que... qualquer serviço que tinha, tinha que...
5 ANT: mas quantos anos tu tinha?
6 BER: eu tinha uns 8, 9 anos por aí...
7 ALI: [53, 54... 6 anos] (fala sozinha... ninguém responde)
8 BER: [eu tinha uns 8, 9 anos] por aí, mais ou menos...
9 ANT: desgalhava árvore?
10 BER: ãnhh? desgalhava árvore... cada um com um facão subia lá em cima naqueles pé... hoje
11 [não tem mais quase aquelas]...do tamanho daqueles pé de erva que tinha
12 ALI: [eram mais altas né?] (pausa...ninguém responde) não?
13 BER: e nós dê-lhe feição lá, e dê-lhe cair galho de árvore pra baixo e a mãe quebrava... sim...
14 aí vinha a C. ajudar, a G., o V. (refere-se aos irmãos) né... um pouco era eu um pouco era o V. lá
15 cortando lá...e fazia aqueles fardo de... de... erva e era tudo amarrado com taquara ainda...
16 PED: eles chamavam lá em G. de raíto
17 BER: é...raíto de erva...
18 PED: raíto de erva é isso mesmo
19 ANT: o que é raíto?
20 PED: raíto é...
21 BER: é um fardo de.. de erva amarrada com taquara...quebrava as taquara e amarrava ali as
22 taquaras e fazia aqueles...pro pro caminhão carregar... pra poder carregar
23 PED: era um fardo que punha no caminhão, vendia solta
24 ANT: tá, mas aí vendia os galhos?
25 BER: [vendia a erva]... e a gente ganhava por arroba.
26 ALI: [vendia o fardo] (ninguém dá continuidade, continuam ignorando a fala dela)
27 PED: vendia por peso.
28 BER: naquele tempo por exemplo... hoje também a mesma coisa...uma arroba é quinze quilo,
29 né, aí pesava os fardo lá, ...o cara no carregar já pesava os fardo... por exemplo ... tu fazia lá
30 100 arroba e já pagava no dinheiro ali... pra... é...
31 (pausa... enquanto toma chimarrão)

3.1 A INSTANCIAÇÃO DO SUJEITO

Antes de analisarmos como se dá a instanciação do sujeito, precisamos considerar a presença de vários locutores¹³ no diálogo que selecionamos acima: Bernardo, Alice, Antônia e Pedro. Como nosso objeto de estudo é a linguagem de adultos acima de 60 anos, dirigimos nosso olhar, em especial, para a instanciação de Bernardo e Alice, considerando, para isso, a instauração da intersubjetividade, já que esta é condição para a subjetividade. Perguntamos, inicialmente, como (e se) esses participantes assumem uma posição de sujeito na enunciação.

No texto *A natureza dos pronomes*, Benveniste (1995/1956: 280-281) declara que “é identificando-se como pessoa única pronunciando eu que cada um dos locutores se propõe

¹³ Pretendemos, com essa denominação, indicar uma posição enunciativa *locutor* antes da enunciação. A ancoramo-nos, para tanto, no próprio texto de Benveniste e numa leitura especial desse texto. Em *Da subjetividade na linguagem* (1995/1958), Benveniste define subjetividade como a *capacidade do locutor se propor como sujeito*. Flores (2013b: 99) analisa essa definição, argumentando em favor da distinção entre locutor e sujeito, uma vez que há uma passagem de uma instância a outra: “se o locutor se propõe como sujeito, não se pode dizer que o sujeito está na origem do que é dito. A origem deve ser remetida à figura do locutor. O sujeito é uma decorrência”.

alternadamente como sujeito”. Assim, podemos observar, a partir do recorte de linguagem acima, que tanto Bernardo quanto Alice propõem-se (ou ao menos tentam propor-se) como sujeito, ainda que haja maior predomínio da instanciação do primeiro.

Há um aspecto fundamental emergente através dessa proposição do locutor como sujeito: o fato de a linguagem representar uma experiência humana, pois “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem”. (BENVENISTE, 1995/1958: 285). Nesse recorte de linguagem, em especial, temos homens (na verdade dois homens e duas mulheres) comungando uma experiência de linguagem. Essa experiência humana de linguagem possui caráter intersubjetivo, isto é, revela a existência de uma relação entre pelo menos dois sujeitos: eu e tu, pois “eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém que será na minha alocação um *tu*.” (BENVENISTE, 1995/1958: 286).

Assim, considerando o caráter da intersubjetividade como fundador da subjetividade, inerente, portanto, à enunciação, percebemos que há uma fluidez na instanciação de Bernardo, na medida em que esse alterna sua posição de sujeito com dois outros interlocutores, a filha e o genro, como é possível perceber em diversos movimentos desse diálogo (linhas 8-11, linhas 13-18, linhas 24-25), como confirma a sequência a seguir:

8 BER: [eu tinha uns 8, 9 anos] por aí, mais ou menos...

9 ANT: desgalhava árvore?

10 BER: ãnh? desgalhava árvore... cada um com um facão subia lá em cima naqueles pé... hoje

11 [não tem mais quase aquelas]...do tamanho daqueles pé de erva que tinha

13 BER: e nós dê-lhe façãoço lá, e dê-lhe cair galho de árvore pra baixo e a mãe quebrava... sim...

14 aí vinha a C. ajudar, a G., o V. (refere-se aos irmãos) né... um pouco era eu um pouco era o V. lá

15 cortando lá...e fazia aqueles fardo de... de... erva e era tudo amarrado com taquara ainda...

16 PED: eles chamavam lá em G. de raíto

17 BER: é...raíto de erva...

18 PED: raíto de erva é isso mesmo

24 ANT: tá, mas aí vendia os galhos?

25 BER: [vendia a erva]... e a gente ganhava por arroba.

Observamos que se a instanciação de Bernardo flui com facilidade, seja pelas perguntas da filha “desgalhava árvore?” – “tá, mas aí vendia os galhos?”, seja pela participação do genro “eles chamavam lá em G. de raíto” – “raíto de erva é isso mesmo”. Vemos que essa mesma fluidez não ocorre na instanciação de Alice, cuja posição de sujeito encontra obstáculos para se efetivar. Explicamos a seguir.

Se há apropriação da língua por parte de Alice, como é possível constatar nas linhas 7, 12 e 26, remetendo a ela mesma como sujeito, observamos que ela encontra barreiras para experienciar, por outro lado, a consciência de si mesmo. Tal consciência, como ensinou Benveniste (1995/1958: 286), só é possível de ser experimentada por contraste, através do diálogo que implica reciprocidade, pois é necessário “que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa por eu”.

Há, certamente, três tentativas de inscrição de Alice. A primeira na linha 7, quando ela procura responder à pergunta da filha ao pai “quantos anos tu tinha?” (linha 5). Vê-se que a asserção de Alice visa a uma inscrição nesse diálogo, através da formulação de uma resposta à pergunta da filha: “53...54...6 anos”. Ocorre que a resposta, se é que chega a ser ouvida pelos interlocutores, é totalmente desconsiderada. A fala de Alice dá a impressão da realização de um “pensamento em voz alta”, isto é, parece que ela está falando consigo mesma, já que não encontra no outro (marido/filha ou genro) eco para sua fala. A segunda tentativa de inscrição se dá na linha 12, em que ela faz uma afirmação que complementa a informação dada por Bernardo nas linhas 10-11. Dessa vez, observamos que Alice termina sua fala com uma pergunta, instaurando o “outro” na sua fala, quando pede confirmação à afirmação feita: “eram mais altas né?... não”? – questiona ela. Ninguém entre os participantes do diálogo assume o lugar de *tu* para alternar a posição de *eu* com ela. Uma terceira tentativa pode ser percebida na 26: “vendia o fardo”, quando responde, novamente, à pergunta que a filha havia feito anteriormente (na linha 24) e que Bernardo responde na linha 25, em fala sobreposta à dela.

Analisando esse recorte de fato linguístico, observamos que, enquanto Bernardo encontra condições favoráveis à instanciação de uma posição de sujeito, Alice parece não ser reconhecida como sujeito de fala (*eu*), nessa situação enunciativa, embora insista, reiteradamente, nas tentativas de inscrição no diálogo. Falta-lhe a condição de intersubjetividade inerente ao diálogo, isto é, a possibilidade de alternar a posição de sujeito com alguém que será *tu* na alocação desse que se denomina *eu*. Podemos dizer que Alice busca uma posição de sujeito, porém, como não é reconhecida como tal pelos pares, tem sua tentativa abalada. Essa impossibilidade¹⁴ no processo de instanciação não significa que ela esteja reduzida à não-pessoa de Benveniste. Explicamo-nos.

¹⁴ Convém considerar que essa dificuldade possa ser temporária, pois se trata de uma impossibilidade de instanciação do sujeito em “um” *aqui-agora*, situação que poderá ser revertida em outro *aqui-agora*, isto é, em nova situação enunciativa.

Precisamos destacar aqui uma leitura particular que fazemos de Benveniste. Em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1995/1946), o linguista descreve as implicações inerentes à relação do verbo com a categoria de pessoa. Benveniste (1995/1946: 252) assevera que “a pessoa só é própria às posições ‘eu’ e ‘tu’” e, a seguir, define a terceira pessoa como sendo “a única pela qual uma coisa é predicada verbalmente” (1995/1946: 253). O linguista faz, ainda, a seguinte recomendação ao leitor:

Não se deve, portanto, representar a ‘terceira pessoa’ como uma pessoa apta a despersonalizar-se. Não há aférese da pessoa, mas exatamente a não-pessoa, que possui como marca a ausência do que qualifica especialmente o ‘eu’ e o ‘tu’. Pelo fato de não implicar nenhuma pessoa, pode tomar qualquer sujeito ou não comportar nenhum, e esse sujeito, expresso ou não, nunca é proposto como ‘pessoa’. (BENVENISTE, 1995/1946: 253).

Considerando tal afirmação, não podemos sustentar que Alice se transformaria em não-pessoa. Nosso raciocínio é de que o simples fato de ela se propor como sujeito, instaurando o outro diante de si não permite que seja reduzida à não-pessoa, já que a terceira pessoa *nunca é proposta como ‘pessoa’* (BENVENISTE, 1995/1946: 253). Assim, argumentamos na direção de um insucesso, de uma tentativa fracassada, de um não-reconhecimento de Alice como sujeito nessa instância enunciativa, situação que poderá ser revertida em outro momento dessa mesma conversa. Vamos dizer então, por enquanto, que há uma falha na configuração da intersubjetividade discursiva entre Alice e os demais interlocutores.

Chama-nos atenção o fato de essas três tentativas de inscrição terem ocorrido em falas sobrepostas, o que pode ter sido um dos obstáculos que impediu Alice de ser ouvida e, por consequência, de ser reconhecida como *eu* pelos diversos *tu* ali presentes que, em nenhum momento, a reconhecem como sujeito, já que ninguém alterna com ela tal posição. Por isso, podemos dizer que houve apenas *tentativas* de inscrição de Alice como sujeito de fala, mas não houve pleno êxito nessa instanciação como sujeito. É que embora Alice tenha assumido a língua, dizendo-se *eu* num dado *aqui-agora*, uma segunda condição para a configuração da enunciação não foi atendida: a reversibilidade entre *eu* e *tu*.

Vimos, até aqui, a instanciação da categoria de pessoa que, *na* e *pela* enunciação, transforma-se em sujeito. Outra questão que queremos analisar nesses recortes de fatos linguísticos é como a noção de tempo se redimensiona no discurso desses adultos.

3.2 A AÇÃO DO TEMPO NO DISCURSO

Se lemos bem Benveniste, precisamos identificar, antes de qualquer coisa, a existência de uma temporalidade, a qual se instaura no momento em que *eu* (Bernardo) enuncia e instaura *o outro* (ora o genro, ora a filha), diante de si e com cada um deles alterna sua posição de sujeito. Esse tempo é o tempo da enunciação, o tempo linguístico de um aqui-agora, atrelado à instância de fala, *ligado organicamente ao exercício da fala*. (BENVENISTE, 1989/1965: 74). Chamaremos essa temporalidade de primária, por ser esta produzida *na e pela* enunciação.

Observamos que o fato linguístico em análise representa um diálogo (co) construído enquanto os participantes tomam chimarrão. Durante esse diálogo, produz-se, concomitantemente a essa que chamamos de primeira temporalidade, uma outra temporalidade, a qual emerge via narração do passado de um dos participantes que lembra de sua infância de menino trabalhador.

O elemento desencadeador dessa que chamamos de *segunda temporalidade* – a qual emerge no discurso através da memória – é a erva, conforme descrevemos na contextualização. Vimos que no momento em que Pedro elogia a erva, Bernardo imediatamente recorre a um episódio da sua infância, envolvendo trabalho e passa a instaurar essa segunda temporalidade – o passado na sua infância quando ajudava, com os irmãos, a desgalhar ramos e folhas para produzir erva, que seria vendida para a subsistência da família. Percebemos a existência de marcas da instauração dessa segunda temporalidade, como é possível confirmar na linha 28, quando Bernardo introduz o tópico narrativo, com um marcador de tempo:

28 BER: **naquele tempo** por exemplo... hoje também a mesma coisa...uma arroba é quinze quilo,
29 né, aí pesava os fardo lá, ...o cara no carregar já pesava os fardo... por exemplo ... tu fazia lá
30 100 arroba e já pagava no dinheiro ali... pra... é... (pausa... enquanto toma chimarrão)

Vemos, a partir dessa situação, a configuração de, pelo menos, duas temporalidades: uma primeira constituindo a enunciação propriamente dita, a instanciação de um sujeito, via linguagem, em um *aqui-agora* (que já não existe mais), já que a enunciação é esse instante que desaparece; e uma segunda temporalidade, que está contida nessa primeira temporalidade: o passado de Bernardo trazido para a enunciação através da memória.

Defendemos, a partir de Benveniste, portanto, a existência desses dois níveis de temporalidade:

- **um primeiro nível de temporalidade**, o do *acontecimento*, aqui-agora: a experiência humana linguística emergente dessa relação entre pessoas que conversam enquanto tomam chimarrão e que se instanciam, através da linguagem, instaurando o outro diante de si, com quem alternam o papel de protagonistas da enunciação;
- **um segundo nível de temporalidade**, que somente pode ser instaurado porque está contido em um primeiro nível de temporalidade – o aqui-agora do encontro da família para tomar chimarrão.

Esses dois níveis de temporalidade estão inter-relacionados, pois tomando chimarrão e interagindo, através da linguagem, com outras pessoas, Bernardo vive uma experiência humana que lhe permite resgatar um episódio do seu passado: um trabalho braçal executado na infância, o ato de desgallar árvores, a fim de construir fardos de erva-mate para vender e ajudar a família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o papel do tempo no discurso, argumentamos sobre a coexistência de uma dupla configuração temporal, isto é, a possibilidade de duas temporalidades, concomitantemente, emergirem *na* e *pela* enunciação; a do discurso – a do aqui-agora da enunciação, que chamamos de matricial ou primária; e uma segunda temporalidade, que está contida na primeira, o resgate de um outro tempo-lugar, o passado que emerge e que atua, no discurso, ressignificando o sentido do tempo da primeira temporalidade.

A imersão no campo e a análise dos fatos linguísticos nos revelou que é *na* e *pela* linguagem que as pessoas vivem a experiência humana do tempo. Precisamos insistir no fato de que trabalhamos com a enunciação, portanto, com a singularidade do ato de enunciar, o que nos distancia de qualquer possibilidade de categorização. A imersão neste universo nos mostrou que a presença do passado no discurso parece mais significativa na medida em que as pessoas vivem durante mais tempo, pois a cada dia a mais vivido, mais acúmulo de experiências, mais presença de passado há em suas vidas. Assim, as pessoas parecem encontrar nas experiências vividas no passado – recuperáveis, linguisticamente, pela memória – uma possibilidade de alargar o presente, ressignificando-o.

Sabemos que esse espaço pode não ter sido suficiente para o aprofundamento que um tema instigante como este merece. Esperamos, mesmo assim, ter contribuído para mostrar que

o passado somente pode ser experimentado via linguagem e que a recorrência a ele pode dar ao sujeito um sentimento de pertencimento. A emergência do tempo, vimos, manifesta-se em um determinado presente, um aqui-agora que faz renascer um acontecimento e a experiência desse acontecimento. Mas a enunciação, o ato linguístico que permite a erupção desse acontecimento, é irrecuperável, evanescente que é, como assegura Benveniste (1995/1963:26), pois “aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a experiência do acontecimento”, jamais o discurso.

Nossa incursão por este tema nos mostrou que olhar para o discurso de alguém que envelhece permite vislumbrar seu lugar na sociedade, na cultura. Algo que, de certo modo, já era anunciado por Teixeira (2012: 62), ao argumentar que “não há um saber sobre a linguagem que não seja ao mesmo tempo um saber sobre o sujeito da linguagem, isto é, que não represente um saber sobre o indivíduo, a sociedade e suas relações”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de Linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989/1965, p. 68-80.
2. _____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989/1970, p. 81-90.
3. _____. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: _____. *Problemas de Linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995/1946, p. 247-259.
4. _____. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de Linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995/1956, p. 277-283.
5. _____. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de Linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995/1958, p. 284-293.
6. _____. As relações de tempo no verbo francês. In: _____. *Problemas de Linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995/1959, p. 260-276.
7. _____. Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: _____. *Problemas de Linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995/1963, p. 19-34.
8. CAPT, Vincent. *Poétique des écrits bruts*. Limoges: éditions Lambert-Lucas, 2013. p. 77-100.
9. DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l’invention du discours*. Paris: Éditions In Press, 2006.
10. FLORES, Valdir do Nascimento. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. *DELTA [online]*. v. 29, n. 1, 2013a. p. 95-120. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502013000100005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 08 jul. 2014.

11. _____. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013b.
12. NORMAND, Claudine. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1. 2009. p. 12-19.
13. PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.
14. TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. In: *Revista Desenredo*, Volume 8, n 1. Passo Fundo, UPF, 2012. p. 71-83.
15. VALÉRIO, Patrícia da Silva. *Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – UNISINOS, São Leopoldo, 2015.

ABSTRACT: This article consists in part of the results obtained through a research that summons the linguistic-enunciative studies (BENVENISTE, 1989; 1995), in order to produce knowledge upon the specificity of time in the enunciation of adults over sixty years old. Therefore, it seeks to analyze in which way the person who speaks becomes a subject in the speech; to comprehend how the establishment of the other (you immediate) / Other (culture) contributes for the subjectivity process; to examine how the experience of time materializes in the discursivização of a man's action upon the language. It presents an analysis of an enunciative fact which marks the experience in language of an over 60 years old couple. It expects to contribute for that the results reached may open ways for the linguistic expansion, specially of the enunciative studies, and for the enlargement of the constitutive subjective dimension understanding on the linguistic activity involved on social interactions of the subject.

Keywords: subject; time; enunciation.